

POEMAS REUNIDOS

Denilson Conceição Santana

“Poemas reunidos”

©  
Ed. Faz de Conta

Copyright © Ed. Faz de Conta – 2009.  
Capa: Alec Soth. Peter's Houseboat, 2002; fotografia cromogênica (detalhe).  
Impressão: NUEG-UEFS

“Poemas reunidos”:  
Lôo. (1ª Edição, 2001. 2ª Edição 2002. 3ª Edição 2003)  
*POESIA É PHODA*, 1ª Edição, 2006.  
*O livro da Condessa*, 1ª edição, 2008.  
A escola dos dias (2009).  
**E outros poemas (2000-2008)**

**Outros Livros publicados do autor:**

“Poemas Reunidos”. Ed. Faz de conta, 2009.  
“Série Cadernos de Arte”. Ed. Faz de conta, 2006.  
“Notes of contemporary art”. Ed. Faz de conta, 2005.  
“A arte pós-moderna, da semiótica ao uso da história”. Uefs, 2004.  
“O Pós-mídia, ilusão e pertença na arte contemporânea”. Uefs, 2002.  
“A Rainha do recôncavo. Memória histórica do engenho do conde”. Uefs, 2001..

Santana, Denilson Conceição. (Cruz das Almas. BA- Brasil; n. 1972)  
Poemas reunidos/ Denilson Conceição Santana. – Recôncavo  
Baiano:  
Editora Faz de Conta, 2009.  
180 p.  
1. Poesia. Poesia Brasileira.

<http://www.artereconcavo.blogspot.com>

## ÍNDICE

|                                  |            |
|----------------------------------|------------|
| Lôo.....                         | 7          |
| <i>POESIA É PHODA</i> .....      | 25         |
| <i>O livro da Condessa</i> ..... | 59         |
| <b>A escola dos dias</b> .....   | <b>97</b>  |
| <b>E outros poemas</b> .....     | <b>165</b> |

Lôo  
(2001)

Cri meu engenho  
Percível elã quimérico  
De quando ainda que sonho  
Fado diáfano  
Cópula do vítreo  
Redomo gozo de plasmo anil-oirado

Aura criva disfaz-se púlverica  
E jaz fragmento  
Preâmbulo ludicizado do nú

Fito veloz Malevickt  
Primário essente

Como idas  
Nuvens lívias  
Hirtam em céu  
Desbotando-se  
Alvura endêmica cala  
De face mineral neutra  
Lençóis alvos em varais trêmulos  
Esvoaçam quietas  
Outras poli aninham  
Súmaria da cor



Azulindo híbrido  
A memória sustenta  
Ínsua de todas as verves

Rente o fabulo  
Matrizes ilindas infine floro  
Jorro marmóreo do cio das estátuas  
Maleável minéreo  
Sustenta vivere na guisa do nulo

Vácuo

Q

Hidra

Lume aéreo a fâcula do estanque

Translucidando-se hispidas plumas icásticas

Cristo a onda  
Donde  
Pólem de flor aquática emergida  
Guarnece aeólica  
Nos campos largos  
Encharcos frívios  
Vãos pólidos de finos esgarçar-se

*POESIA É PHODA*

(2006)

Ao amor destes dias...

## I

A meiga  
Vaca/galinha  
Branca  
Algumas pintas  
Flor bruta da serra  
Coisa achada em espessa neblina  
À mercê  
Primeva  
A abertura de mim  
O talho  
O corte  
O sangue  
A ferida estanque  
O talo  
A cesura esboçada  
Pureza de alma como pó de leite  
Café, chocolate  
Tulipas e lírios  
Pupilas que mamilos limpos como nuvem em  
chuva  
Deleite e mel

## II

O joio do trigo

Bicicleta verde

Cacau

Passeio

Perder-se-achar

Voltar para casa

Passeio

A bocetinha: cachoeira de enleios pingados

Aventura(s)



### III

A lei lá  
No sin, la verdad  
És tènue como el prado  
El ninho  
Onde os corpos unem-se  
Lado a lado  
Formando lindas pétalas de soluço  
Alaranjadas  
Comer a priminha: pecado  
O mesmo café: requentado  
A mesma roupa, algodão + jeans  
As casas juntas, as estrelarias, o carretel de linha  
amarela  
A certeza das manhas  
A bebida  
O álcool no copo limpo

#### IV

Ali  
Esmalte incolor  
No fogo  
Encontra-se você  
Olhos grandes de boneca  
Liso fio de vento  
Pele estátua  
Plasmo gozo anil oirado  
Em rosácea vulva  
Levemente corada  
Situa o silencio e a solidão  
Advocacia em pleno êxito  
A palo brando  
Seu vulto branco de alemã  
Toque pleno de amor  
Faz edificar a cidade  
Como quem guarda e abraça a esfinge  
Achar o baú  
Lindo ventre nú em praia semi-deserta  
Acetinado juízo em lua crescente  
Mingau de maisena  
Músika ruim  
Vinho tinto

V

Felinos, eqüinos, girinos

Zoofilia

Água, terra, cor

Sexo entre coisas

O amor universal, grandes ilusões

## VI

Tão verdadeira a saudade sustenta...

Uma longa viagem

Requer vestimentas adequadas

Despida de fabrico

E cego pelo amor achei um ponto na escuridão

Que de volta à vida

Entorna chapéus raros e carros antigos

Plástica de chumbo e encáustica

## VII

E essa coitada sorte  
Garota de rua  
Seu nome, soube uma única vez, o bastante para  
esquecer  
Perdida aos 14 anos  
Varada num pau de vinte e oito  
Lavrada em cartório único  
Vem comendo as manhãs desde então  
Dos becos escuros, vielas e entulhos  
Primazia festa  
E nós: filhos desta t'erra  
Nome do pai: Amaro  
Nome da mãe: Purificação  
Ludicídio de infância: a cor da massa  
Nada nos quis  
Só a companhia fútrida do amor

## VIII

Tropecei em algo  
Acho que num avião ou estádio  
Anúncio: garota procura  
No vôo até meu pé esquerdo  
Estava forte em dia nublado  
E de cana o sumo verde – clorofila  
Almoçar de pálidos ventos  
Aladim respira  
Sou o homem dos desejos  
O mago de mim  
Vi o cio correr por minha boca e a fábrica de  
barracas abanando a madrugada  
Como Iracema ou cabocla  
Areia, amarela, de rio, alto  
Medusa alada  
Toalhas de mesa, calcinhas de renda, bilro de mãe  
Preta

## IX

Fábens  
E ludo de mim  
O globo, a ciência  
Das cênicas aos paladartes  
O esgoto a céu aberto  
Uma goma abençoada  
Nutrir a baianinha  
Música de gelo  
Córregos  
Montanhas, lagoas,  
Casarões antigos  
Ruínas de engenho

X

Herdeira patrícia dos fados em aberto  
Ilumidesce a via escura dos jardins escondidos  
Bichinhos de ervas e damascos  
Umbigo de Eva  
Adornos de Platão



XI

Raio de sol quando não quer ver a manhã  
Esconde-se em vidros de cachaça  
Litros de perfume  
Nicotinianos

## XII

Achei meu espelho  
E não o tinha convidado para a festa  
Mas já que veio... meu olho foge  
Não quer acordar, ou dar-lhe uma cor  
Pensava estar dormindo  
De fato não acordei  
Aliás, seu sonho é que me sonhe  
A força bruta  
O sustento  
E deitado ver assustado  
Pássaros e cercos amontoados  
É como aceitar a cela  
E muitas chaves, bolsos, solilóquios  
Suas pupilas dilatadas  
Lentes de contato  
Alabastros e azulejos  
Usou meus tamancos de madeira de lei  
Meu perfume, legítimo francês, minhas cuecas

### XIII

Riu minha vida de mim  
Lá na estrada  
Onde as cancelas nem vistas  
Mediam a distância do amor  
O poderio poético  
A lição de trás pra frente  
A saudade, essa sim  
Ciranda menina  
Meu foguinho esperto  
A bandeja , o manjar  
O néctar servido  
As frutas e todo azeite puro  
Reflexos de minha mocidade  
Finas estampas  
Sons de harpas, clarins e violoncellos  
Um ponto que não se espanta, anuncia  
Acorda os pássaros  
Põe movimento e sons  
Cores nas flores

XIV

Bárbara cigana idade  
De pai e filho cão  
Esse amor desesperado  
De Leonino religar  
De por à prova o bem-querer

Plínio e Virgílio  
Esperança  
És verde como o Hulk  
Mas não tens umbigo, eu sei  
Doce mandioquinha  
Forno de barro  
Massapêzinho  
Abacate sêmem  
Fumo de trevo  
Jeguinha, te comi  
Em sonho casamos na capelinha do algodoeiro  
E de carroça ainda cheiramos a estrume e lua-de-  
mel  
Tirei ao menos um f°erro de você: um dos brincos  
em  
forma “c”  
Fugiste então acertando a história  
Tenho fé e isso vela-me  
Esquizofrênica luz de sombras  
Na fonte dos padres  
Caminho de pólvora, enxofre e carvão  
Tocar o diamante no lago da gias

*O livro da Condessa*

(2008)

## **Prefácio**

Esta é uma obra de ficção poética histórica. Baseada na vida da D<sup>a</sup> Felipa de Sá que, em 1572 com a morte de seu pai, o então 3<sup>o</sup> Governador Geral do Brasil Mem de Sá, herda os maiores patrimônios do então período Luso-brasileiro Colonial, a saber, o Engenho Real do Seregipe no território que hoje constitui o município de Santo Amaro da Purificação e o Engenho Real Santana em Ilhéus, todos na Bahia.

Dona de uma riqueza insustentável e que talvez não soubesse de sua dimensão, procura-se em todo o Reino alguém à sua altura e nobreza para que os governe e perpetue tal herança.

A ‘Condessa de Linhares’, título recebido quando ‘contratou-se’ suas núpcias com D. Fernando de Noronha para dar continuidade na linhagem da família Real, ao que se sabe nunca visitou seus bens no Brasil e os tinha por notícias de seu marido, que os administrava e que por este motivo os fez doar aos colégios jesuítas após sua morte.

Os tons destes poematos é sobre estes lamentos, saudosismos e eterna relação de amor com sua (nossa) gente leal e benemérita, sendo que por convicção foi mantido algumas palavras em concordata com o período proposto.

## Ágoas

O rio que passa por mim  
Vai a minha villa e vai fazer barra  
Ao mar  
E regão tudo que o margeia  
E em época de enchentes o necessitam  
Cannoas e pequenas embarçaens  
Pois adentram paizagens do sonho  
E aprazível destilaria  
Pois hão nelles athé  
Logares de infância e arremedo



## Na capella

Na capella às seis  
Adensa noite a lua descansa suas vestes  
E um ruído de ventos a estibordo  
E que pella noite oiviam seus allurdes  
Agitavam o pequeno luso sino  
Hibernando a plantação das meninas  
Brancas de assucar e ou quase  
Negras de fumo e tabaco

### À guisa das primeiras cúrias

*Em 1591, O padre Antônio Fernandes, curato ou “vigário” na Ermida da então “freguesia” do Seregipe do Conde, fez-se chamar à “confissão” alguns gentios para que elles lhe darião o arbítrio de batismo e se lhes fazer doutrina...*

À conversão de almas  
Faço vê-las em concílio, communhão  
- Flexa de Índio cura ferida de branco-

Devotos pretinhos  
Santinhos branquinhos

Dos quaes,  
Erecta em anno mayor  
Devoção e fervor annexas  
Aos porões dos navios  
Ao rugir da moenda

## Barroco - Mór

E que são em muitos que  
A tal preguiça que se assentou sobre tal villa  
Uns diziam saudade  
Outros riqueza  
Ao desenho  
Viés das ruas rio acima  
Foi-se exaurir prosperando

### **Pequeníssimo fado d'ouro**

Assentado na praça  
Fez-se alegrar um tempo distante  
Um engenho eterno e duradouro que jaz  
ruína  
A magia, soçobro de lugar  
No assombro da Condessa vespertina  
Formosura acabada de todo  
De precioso feityo e primor  
A que um só freguez intenta

**Aqui, pois que desta ermida**

Pintar e dourar cazas,  
Ruas, portadas, moradias  
E que sê arquitetura  
Lisboeta em vigio perpétuo  
Fruindo linhagem régia na benemérita

## **1\$ apaixonada alma**

Te compreendo agora porque fostes  
embora...

...Perseguido por formigas, fora parar a trez  
quartos de legoa citio adentro...

E ao seo logar foram arrendadas as terras a  
que vivião a outros insectos...

...E vivião de plantarem bons frutos e raízes,  
trazidos antes pelas ditas...

### O lado oposto do rio

Hũa poesia dita à margem direita do Seregipe  
fez  
Acordar a condessa frente ao espelho em  
Évora  
E num tempo de devaneio  
O convento todo se enfeitou pra tal festivo  
A povoação de alguns vizinhos levantaram  
Seus moradores entre cantos de louvor e  
prece  
Atenuaram tal desvio  
E que longilíneo mistério  
Aquele que de singrar com os mares

## Do Cais

Quiz uma vez o Conde que o pôrto principal  
de seu  
Engenho fosse alargado até outro ponto  
E medida de tal alarde, a construção desta que  
seria  
Uma ponte imaginária diria  
E por ser o cais de mar mais conveniente  
E em tal trapiche sê cúmplice bons fructos  
E eram farinhas, carnes, pescados, legumes  
E quinquilharias  
Pois que também sua tempestiva escripta  
Sympathica àquela âni<sup>ma</sup>



## **Estrada debaixo e estrada de cima**

À estrada debaixo  
passagem de vau  
ausência de afluentes  
e rio sê poema e um só  
À estrada de cima  
e he preciso o vasio da maré  
immensas plantações  
roças, poças  
e contornos à pé

## Do Côro da Matris

Navegão dos forros da nave  
magestoso intento  
e azulejos, pedras de cantaria  
e mármorez luzitanos  
E que da mais alta torre avista  
pias de água benta  
enchentes no rio  
rezas no terreiro  
Ao poente da villa  
A mais versada aldeia, com rodeios e  
adornos  
e alguns fogos de prumo  
e negros, gente mui pobre, fôrros, velhos  
e miseráveis  
E o sino badala quando sê preciso

## Officio dos dias

Está lá...

Arraial adentro em singular artifício

Comprehendendo

Requerindo hum quinento de lugar

Cavalgadura, thezouraria

Prezente acta de

Innocente accordo principião

## A Título de esmolla

Principaes fados evoam  
Criadas mudas, m'amas de leite avuaçadas  
C'annas, moendas e assucares  
E se Vae n'este:  
Caxas ahi depositadas  
Seos barcos, saveiros, canoas de remo  
Concenso Régio  
O Alambique  
Ardentes  
Não he miserável  
E fructas  
Do districto  
E eu  
Noviciata  
Seo casario de fino trato  
E boa gallaria

## **Estrada Real**

Virgem a meus pés a estrada real aguarda  
Fôrma côncava qual caudalosa passagem  
Ecco tal magestosa idea  
Antes, imagens de santas, musas, batistério  
Hoje, no entanto, estreitíssimo destacamento  
Onde pedras em posição magnífica dão ar nobre  
Palmilham dahí a seda dos guardas  
Ao passo dos dias

## Visão do Paraizo

Acolá, futura fabrica de f'eros  
E então, por todo o lau e freguesia ouviu-se  
Um choro sem reza  
Um lamento sem prece  
Adornando cânticos, matinais, invernum  
Succedem  
Escrivães de justiça  
Primoroza alegria ainda que preza por futuro  
Batuques, lundus e festivos intentos nos porões

## Língua tupi

*Nem fé, nem lei, nem rei*

Mui branda

Sem peso e medida

Ditam as coisas com o esmero que as incitam

Leitmotiv para quem sóbrio e ou em sua  
simpleza

Sê a alma e o canto de um lugar

Retro-alimentação de fauna e flora quando se  
ouve tal pronunciar

Por haver sahido da mãy natureza

E fôra Deos alguém entre deuses

## Carta-régia

Mando a este reino e faço saber  
Que os gentio  
À fevre das couvade  
Ou por amar a terra de tal  
Premissa alquímica de fado  
O direito de capitanear tal sacrário  
E assim me pareceo crear nesta  
A insurreição de que o amor tenha partes  
iguais  
E sugestivamente interina  
Revelando sua adoção e esmero



**A escola dos dias**  
(2009)

## VISGO DE JACA

Vê-la nua  
Cisco no olho forjado  
Alimento dos budas e orixás  
Ali minha  
Pintura em pele  
Enrustida

## HOMEM BOM DE CAMA

Dentro da valise  
A arma mira em propulsões artiquímicas  
O orgasmo na ponta da língua

## PROJETO PRA AUDIOVISUAL

Mil.

Cigarras, grilos e girinos em concertina na galeria.

## PROJETO II PRA GALERIA

Manter as luzes apagadas  
Insinuando-as

## NOTA DE PERFUME

Arde  
Narinas de Almodóvar  
Cinematograficamente

## POEMA DE VÉSPERA

Meço o futuro  
Tamanha queda dos moinhos em tempos de  
ventania  
Ou o outono como doença em mim  
Álibi das palavras  
É como entregar o ouro, o diamante, as  
esmeraldas...  
E todo o manso mesmio.

## A LUZ VAGA

Vaga-lumes são como cigarros  
Acesos reforçam cio  
Apagados (a)guardam libido em suas  
baganas

## AO HIBERNO

Liquefaz  
Saudade  
Oiço  
Betume e cerveja  
Agasalhos pros românticos  
Doce de violeta pela manhã  
Pra curar  
Minha casa

VER DE

Mira-me o cio das arvores  
Entre arbusto e outro  
Sou mais velho que esta floresta

A CONQUISTA DA VITÓRIA

Castelo meu fado em rígidos canaviais  
Lubro meu incenso em tangidos matinais  
Rego minha infância nos alaúdes e alabastros  
miro  
Poesia alguma

## A ESCOLA DOS DIAS

Com as formigas aprendi a trabalhar e colher no  
tempo certo

Com as aves aprendi o uso doméstico do cio  
a levitar, primeiras tentativas de vôo

Com os cães aprendi em latim uivar quando  
preciso

e quando fome sentir

Com os macacos aprendi a rir, a comer bananas  
em

silêncio, a saltitar e respeitar as matas

Com os poetas o doce invento de tudo

## LÍPEN

Como quem faz uma grande viagem

Anseia o novo como quem a um amigo filia

Paisagens insólitas

Traídas do amargo da língua

## ENSINANDO ELEFANTES A CHEIRAR

Vi  
Trompas  
E medo senti  
Com quem adere algo e ou anseia vestígio  
Branços de pedra e mármore andaluz

## O BEIJO E O BEIJÚ

O Beiju pode ser doce e ou salgado  
Pode ser mole ou puro  
Azedo ou recheado de contidos  
O beiju deixado de ser beiju torna-se pombos  
em cocô nobre  
O beijo saliva essente  
Lembra passagens alquímicas  
Chegadas em engenhos distantes



## CANTIGA DE NINAR

A banda da mata  
Eu sei quem é  
Girinos n'água  
Grilo nas folhas  
Gafanhoto na percussão  
Sabiá no tímpano  
Crianças no berço

## AULA DE GINASTICA

Por a lua rente aos olhos  
Ponte lacrimal  
Iluminando a cegueira

## DOCE DE CAMELO

Pedir água  
É voltar ao deserto sempre  
Acordar a vizinhança com o barulho no fundo  
do poço  
Na força da manivela batida  
Frio braço corda  
Medindo o beijo da sede

## CANÇÃO DO PARAÍSO

Rencas de absinto  
Na bruma da cidade  
Tangem a noite  
Ao abismo tântrico do éden

## CARTAS DE ESPADAS

Invejo o mal  
Raios  
Deveras eu acordar todo o mal e tornar difícil  
seu  
achado  
O bem...  
Eu quero o bem  
Dizer aos seus  
Revelando-os

## CAIMBRA AO MEIO-DIA

Telhas nas ancas da casa  
Medram a distância da fome  
Lamino  
A refeição  
Com um suspenso resfrio n'alma

## TESOURAS DO ANDRÓGINO

Cortar apenas a própria palavra  
Pica-las em sorteio  
Revelando o meio

O 0

O zero é número algum  
Soma o diabo  
Subtrai deus  
Divide o tudo  
Multiplica o mundo

## PORNO

Alumino  
Pau besuntado de mel  
Escorro  
Por entre pernas ciosas  
Libidinoso  
Atando vaginas nuas  
Deidades endêmicas

## P/ TIMPANO E PIANO

Ouvi-lhes alhures  
Seis ou sete cordas ao ar do piano  
Sopram  
Notas transdêmicas  
Alvos fantasmas no açoite

## PRA AMAR LISBELA

Copula dos lírios  
Mergulho de grafite  
Água de banho  
Doce de laranja

## PROMESSA DE SÃO COSME

Candeeiros  
Cama de papelão  
Grandes especiarias  
Copos de garrafas pet  
Velas de sabão de coco  
Luxos provincianos  
Banheira de céu  
Comida de vento

## GÁRGULAS

Aviso no sótão  
Meninos brincam de boneca  
Meninas jogam bola

## ENXOFRE E MEL

Guardo a chuva  
Em pequenas combucas  
Virado pro parque  
Aguardo você  
Alquímico

## CANDEEIRO

Fogo na aldeia  
Quem chega pra festa  
Andou boa parte do mundo  
Entre éguas e potros mansos de quintal  
Saudando as prostitutas e regando ninfas

## ALGAS

Manto de cristal na praia  
Areia deserta  
Então  
Emerge  
Lambe os lábios do mar  
Espelhando



## OPEN BAR

Ausente  
Aos três primeiros clientes

## RODA GIGANTE

De gelo  
Gira enormemente  
Lambendo o céu em  
Galáxias  
E fortuita  
Atira farpas  
Cantigas dos açúcares  
Na praça andaluz

## A CIDADE

Ruas de poeira e fel  
Soturna nau  
Noturno sol  
Guias de porões  
Assoalhos de gala  
Plantações de éter

## DEGELO

E dizes que falei nisto e ou n'aquilo  
E agora que minto  
Sossega nossa maldade  
Assim festejamos  
À volta ao lar

## FAZENDINHA

Azul e amarelo  
Pra visitar o nascer do sol  
Cinza na porta  
Algodão na veste  
Vacas e bois na sala da casa

## AZEITONAS PRETAS

Cumpre a rigor  
De deixar  
Os encaixes de solidão  
Unidos  
Na viagem de volta

## HISTÓRIA X ESTÓRIA

Em 1500 aqui não havia poste  
Ha 101 anos esta cidade não existia  
Os carros de f'eros dante  
Assobiavam incestuosos  
Hoje a minha aldeia não me pertence  
São ruínas de areia e fel  
Ora pro nobres

## ESFINGE

Agulha de ponta-cabeça esfriando  
Onde nasce fina flor  
Conto de fada  
Hera uma vez

## EM MEUS PULSOS NADA

Antes sonho que esquecimento  
E o que se anda pensando fora  
Andorinha de verão só  
Querer dizer a suas patas  
Que o feno que se lhe absorve  
Amansa todo o crio

## TELHEIRAS, PORTUGAL

Lá  
Onde se fina a mudança  
Chove  
Lar frio  
Onde se espreitam as mudas de cana  
E plantas outras latrinam  
A vegetação calma atiça  
Recolhimento dos Humildes

## O PREÇO DO POEMA

Dão nó em nosso namoro  
Musgos  
Gumens  
Algadoal  
Ovelhas soníferas de bruma  
Cambiam  
Azulindo

## NOTA DE EMPREGO

Parque admite gansos e cisnes  
Contrata-se p/ trabalho temporário  
Patos, aves de rapina  
Borboletas azuis p/ comercial  
Pombo-correio  
Pássaros para semear  
Corujas para vigia de floresta

## A HORTA

Lar de anjos  
Pimenta dedo-de-moça  
Aceites  
Peixes doirados  
Bons mamoeiros  
E crianças perdidas no bambuzal

## UM DIA SEREI LENDA

Cobrirei a neve com sangue branco  
Dormirei em pé com os morcegos  
Abrirei a porta do hospício  
Trancarei os anjos nos gibis  
Entre enxofre, salitre e carvão acenderei um  
fósforo

## GAZE

Eu que nunca ferido entro em guerra  
Toco o meu sangue  
Entre farpas de giletes e larga barbeiragem  
Tesouras sem ponta  
Palavras redondamente enganadas  
Pra sanar ferida da língua do mago

## O LEITE DE MEU NINHO

O leite  
E meu  
Soninho  
Deleite  
O da Nestlé  
Amigo meu  
Delete  
De meu ninho



## VÍCIO

Segredos que não contei nem pro tempo  
Permitido entre folhagens e graciosa  
mandinga  
Querer-te no segundo tempo

## ZOOFILIA

Nascido da lama  
Fiz de meio cais  
Um jegue que tamanho de pica não há  
E feno raro todos os dias  
Lampião a gás  
Lumiando o coito soçobrando

## MOVEIS COLONIAIS

Toco minha ladainha aos aventais do quintal  
Minha mãe nem já toda morta, lamenta eu ter nascido

## TERREIRO DE FÉCULA

Igreja jamais vista  
Dor jamais sentida  
Neto dos moinhos eu  
Cidadão das nuvens  
E reboliços do ar  
Índio de visagem  
E largas plantações

WWW

No site da manhã  
Poesia de atriz  
Lavando louça  
Cozendo linha  
Cabelo a pentear  
A rua deserta, número algum  
Na tela de vidro

ARROZ DE NOIVADO

Da terra se fez semente  
Dos sulcos e vales: educação  
E finanças pro desejo sê grão

## O SURDO

Fiz um surdo pra minha bateria  
Dó em mim  
Só o toco na companhia d'outro  
Em mi maior  
Silenciando suspenso

## DISCO VOADOR

Por a casa vazia  
Cheia de graça loando  
Ponte de pão de açúcar  
Beijo de língua verde  
Em duendes ancestrais

## DRUÍDA

Gosma cálida  
Respingos de parafina  
Ervas daninhas  
Vestes de vento  
Musgos devezes  
O mote esquizofrênico da lembrança  
Porões do invento  
Flores de fumo  
Libélulas toscas no sótão lambuzam  
Néctar amargo

## PARA VER D'AVELÍRIO

Palmeiras velhas nas praças  
Pó de mico  
Mira do vale  
Encharcos frios de luxúria  
Prantos nos arvoredos e uma grande  
Sanidade hialina

## CHARUTO CRUZALMENSE

No loar da plantação  
É preciso dias afinco espreitar suas ervas  
Voltas ao redor da casa insinuando  
No exalo de ína e alcatrão  
Úmida essência do vagar  
E vê-los aos montes em armazéns depois da  
colheita  
Perfumando sem saber o quintal dos meninos  
Folhas dessecadas para o tabaco  
Onde mão cheirosa insistirá em rolar  
Mantendo seu teor de lucidez prenhe  
Até desvirginar-se nos segredos do fogo

## ALTRUÍSMO

Cruza o céu e terra  
E daqui do alto não vejo a dor de meus amigos

## FLORES ELETRÔNICAS

Século dos dias  
Manteúda cicatriz  
Assim giram  
Pétalas de ferro e ferrugem  
No ar alheio  
Espinhos  
E onde caule já tontura  
Raiz virtual encravada no astro  
Pólem de cinzas e fel

## ANJO DA GUARDA

Em meu quarto não há segredo  
Nem lugar de esconde-esconde  
Os cantos de cantigas e beberagem foram-se  
aos  
poucos  
No antigo guarda-roupa  
Vive emprenhada sua figura convexa  
Flechas  
Trombetas  
Pergaminhos  
Em ausência dúbia

## AR DE ANFÍBIO

Catulo da noite  
Vicejo de pedras e larga mendicagem  
Qual lei insistirá em lambuzar-me  
Senil ventura  
Silvar dos pastores

## COLHER DE LÍRIOS

A quem percorre o arco íris sem tentar o pote  
de ouro  
Jogada no paraíso  
Non sense



## AMÊNDOAS

Rezei para que viesses  
E para que fosses  
Embora

## INSPIRAÇÃO DE CABOCLO

Pau de enxada  
Viola sem corda  
Tinta de azeite de dendê  
Luandas e lundus  
Samambaias  
Caixas de rapadura  
Sal marinho  
Madeira sem lei  
Cachaça semi-destilada  
Bandeiras rasgadas  
Mas de pé  
Erguida

## PENA DE TINTEIRO

Sob a pele celulósica  
Planos reais de fabulo intentar-se  
Charretes de cânfora e burros brancos n'água  
A distância é a medida do arco do horizonte  
versus a saudade

## TÊMPERA

Rósea permitia-te a mim  
Densa luz tão calma, cromo gelo  
E quando por ti te via  
Adenso fremia  
Vis teu lábio amaduro citar meu nome  
Poesia untada em neve  
Rês teu corpo iludo, descanso  
Na cama pousada em fado  
Roupas escuras como tua língua íngreme  
Esconde a clareira donde pousam teus  
pássaros,  
anjos  
Nos quintais do abeto  
Pele-mór  
Ambrósia

**E outros poemas**  
(2000-2008)

## Casa

Moro  
Onde mora  
Os mísseis  
Na ína do ludo  
No cio dos engenhos  
No candy e nos amaros  
No fogo imago  
Sem missiva  
Na quimia alígena dos fantasmas  
Hidro

### **Assalto de navio**

Entretanto a balsa vem  
E vem  
Todos a este bordo  
Resplendor das marés  
Embarcam para o prelado  
Regando ninfas  
Tudo a deriva

## **Belo horizonte**

Sem ar  
Ou melhor, com um ar de espumas  
Observei-me parte do sonho, prenhe  
Indo da clara à boia  
Pois tudo em mim encontrava-se a venda  
Do dias amantes a metais preciosos  
E fazer dos minérios su-ar clandestino  
Era matéria de aprendizado  
Enquanto me divertia com os ventos

## **Pó de Ema**

Tosse senti  
Senti arrepios  
Ana flor d'agoa reguei  
E paisagem rara nasceu  
Também a lua veio  
E fez-me sentir veloz  
E cada vez mais cores

Insiro-me ao teu olho-pele  
Táctil  
Dúctil do aedo  
Têmpera  
Átimo indissociável entre  
Psiquê e cupido  
Que suntuosamente respira



Sibilas do éden  
Donde devassa avessa  
Um tipo ventre cálido/tépido  
Mumio  
À premissa alquímica do fado

Mino  
Ensucio deidades  
Seres alados  
Alígeros fantasmas  
Medram ao pé da fonte  
Matinal sempre  
Invernum  
Rego ninfas como quem sugere brisa  
Tepidez velada de frio  
Blasfêmia cênica  
E só